



Casa  
Fernando  
Pessoa

# CONGRESSO INTERNACIONAL

# FERNANDO PESSOA

# 2017



# 9 FEV

Quinta-feira

**9H30**

Recepção aos participantes

**10H - 10H30**

Abertura

*Guilherme d'Oliveira Martins*

Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian

*Clara Riso*

Directora da Casa Fernando Pessoa

*Joana Gomes Cardoso*

Presidente do Conselho de Administração da EGEAC

*Catarina Vaz Pinto*

Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa

**10H30 - 11H45**

Mesa de discussão:

Eu, Fernando Pessoa

*António Feijó — Richard Zenith*

O que significa a palavra «eu» pronunciada por Fernando Pessoa? Que implicações tem este «eu» na sua obra, ortónima e heterónima? Será a obra marcada por um cunho pessoal ou impessoal? Esta mesa procura responder a estas e a outras questões, proporcionando uma conversa entre três dos críticos que mais têm contribuído para uma clarificação desta problemática fundamental dos Estudos Pessoaanos.

MODERADOR · PEDRO SEPÚLVEDA

**12H - 13H15**

Pessoa político

*Manuela Parreira da Silva*

Fernando Pessoa e António Mora:  
polémica em tempo de guerra

*Madalena Lobo Antunes*

Bernardo Soares Subalterno: Pessoa para além  
de Marx

*Anna M. Klobucka*

Pessoa arquiteto da Literatura de Sodoma:  
uma reavaliação

MODERADOR · ABEL BARROS BAPTISTA

*Pausa Almoço*

**14H30 - 15H30**

Pessoa filósofo

*Onésimo Teotónio Almeida*

Fernando Pessoa e a razão em alguns  
textos inéditos

*Bernard McGuirk*

Pessoa (e Derrida) sob rasura

MODERADOR · PAULO BORGES

**15H45 - 17H**

Pessoa cosmopolita

*Oswaldo Manuel Silvestre*

Um imperialismo de poetas ou um imperialismo  
de gramáticos?

*Caio Gagliardi*

Sujeitos à deriva: identidade e alteridade  
em Soares, Aguilulfo e Zelig

*Bartholomew Ryan*

Aplicando *nonregionalism* e *indefiniteness*  
*of soul* de Pessoa ao cosmopolitismo radical  
e à pluralidade da raça

MODERADORA · RITA PATRÍCIO

**17H - 17H15**

Pausa Café

**17H15 - 18H30**

Pessoa livre

*Ana Maria Freitas*

Matar o rei – reacção ou revolução

*Pablo Javier Pérez López*

O Pessoa Anarquista

*Rui Sousa*

Algumas Ideias sobre a Liberdade Libertina  
do «Homem Superior» Pessoaano

MODERADOR · ANTÓNIO FEIJÓ

# 10 FEV

Sexta-feira

**10H - 11H15**

## Mesa de discussão: Contemporâneos de Pessoa

*Helder Macedo*

Devido à enorme presença de Fernando Pessoa na paisagem literária portuguesa, os seus contemporâneos são, por vezes, injustamente esquecidos. Esta mesa incidirá sobretudo na obra de Manuel Teixeira-Gomes e Camilo Pessanha, com referências ainda a outros escritores, portugueses e estrangeiros, cuja importância merece ser assinalada fora da sombra de Pessoa.

MODERADOR · FERNANDO PINTO DO AMARAL

**11H15 - 11H30**

## Pausa Café

**11H30 - 12H45**

## Pessoa nos outros

*Paulo Borges*

Vazio, interlúdio e entresser. A metamorfose de Fernando Pessoa em Maria Gabriela Llansol

*Dalila Milheiro*

Fernando Pessoa pela voz de Ana Hatherly

MODERADOR · FERNANDO MARTINHO

## *Pausa Almoço*

**14H15 - 15H30**

## Pessoa e arquivo

*Manuel Portela*

Atos de Escrita no Livro do Desassossego

*Rita Catania Marrone*

Os «livros ocultos» da biblioteca particular de Fernando Pessoa

*Pedro Sepúlveda*

Pessoa Digital: projetos e publicações

MODERADOR · RICHARD ZENITH

**15H45 - 17H**

## Pessoa classicista

*Antonio Cardiello*

Um destino chamado *Athena*

*Jorge Uribe*

«Seguro assento na columna firme»? Fluxo e contracção no nascimento de Ricardo Reis entre os papéis pessoanos

*Nuno Amado*

Ricardo Reis e o jovem que perdeu

MODERADORA · MANUELA PARREIRA DA SILVA

**17H - 17H15**

## Pausa Café

**17H15 - 18H30**

## Mesa de discussão: Fernando Pessoa ou o labirinto do espaço interior

*Eduardo Lourenço — José Gil*

Eduardo Lourenço e José Gil, autores de uma produção científica e literária vastíssima nas últimas décadas, são uma referência imprescindível para diferentes gerações de leitores e investigadores académicos. Esta mesa visa «revisitar» o enorme contributo das suas obras para os Estudos Pessoaanos, através de um profícuo diálogo entre os dois exegetas.

MODERADOR · ANTONIO CARDIELLO

# 11 FEV

Sábado

**10H - 11H15**

## Pessoa entre culturas

*João Dionísio*

Pessoa bilingue

*Patrick Quillier*

«... ouvir bem os sons que nascem.»

Antoine Bonnet, Pedro Amaral e Xavier Dayer à escuta de Pessoa

*Antonio Sáez Delgado*

A receção de Fernando Pessoa em Espanha nos anos quarenta: entre o âmbito estético e o ideológico

MODERADOR · JOSÉ BLANCO

**11H15 - 11H30**

## Pausa Café

**11H30 - 12H45**

## Pessoa crítico

*Rita Patrício*

Intenções: algumas questões críticas

*Marisa Mourinha*

A utilidade do inútil: o papel da literatura na vida e na obra de Fernando Pessoa

*Victor K. Mendes*

A crítica da heteronormatividade na relação heterossexual em Fernando Pessoa

MODERADORA · MARIANA GRAY DE CASTRO

## *Pausa Almoço*

**14H15 - 15H30**

## Pessoa dramático

*Kenneth David Jackson*

Desassossegos Marítimos em Fernando Pessoa

*Flávio Rodrigo Penteado*

Ideias teatrais de Fernando Pessoa

*Mariana Gray de Castro*

Shakespeare, Pessoa e a invenção dos heterónimos

MODERADOR · BERNARD MCGUIRK

**15H45 - 17H**

## Imagens de Pessoa

*Humberto Brito*

Poemas vs. Fotografias

*Bruno Fontes*

Os filmes de Fernando Pessoa: escrita, cinema e cânone

MODERADORA · ANNA M. KLOBUCKA

**17H - 17H15**

## Pausa Café

**17H15 - 18H30**

## Mesa de discussão: História dos Congressos Pessoaanos

*Arnaldo Saraiva — José Blanco*

Desde o final da década de 1970 que investigadores se reúnem em encontros científicos, em Portugal e em universidades estrangeiras, para debater questões que se mostraram centrais para o desenvolvimento dos Estudos Pessoaanos. Nesta mesa iremos recuperar esse histórico e debater o papel actual destes encontros internacionais, através do testemunho de quem neles participou e os acompanhou desde o início.

MODERADORA · CLARA RISO

**18H30 - 19H**

## Encerramento

*Clara Riso*

*Mariana Gray de Castro*

# «Seguro Assento na Columna Firme | dos Versos em que Fico»?: Fluxo e Contração na Génese de Ricardo Reis

Jorge Uribe

Universidade de São Paulo (PNPD/CAPES)

Na famosa carta que Fernando Pessoa enviou ao jovem Adolfo Casais Monteiro, com data de 13/14 de Janeiro de 1935, surge a seguinte descrição:

Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e mez, mas tenho-os algures), no Porto [...] Ricardo Reis é um pouco, mas muito pouco, mais baixo, mais forte [que Caeiro] [...] de um vago moreno mate; [...] educado num collegio de jesuitas, é como disse médico; vive no Brasil desde 1919, pois se expatriou espontaneamente por ser monarchico. É um latinista por educação alheia, e um semi-hellenista por educação propria. (MARTINES, 1998, pp. 256-257).

Assumamos que Pessoa entregou este *retrato falado* a um dos seus primeiros críticos e admiradores, porque considerou que essa informação devia fazer parte da leitura dos textos assinados «Ricardo Reis». Nesses termos, assumimos também que uma correspondência entre os dados biográficos e a obra que então era, e que estava ainda por ser conhecida, sob esse nome, sugere-se natural, entregue pelo autor como uma caracterização *de* Reis, fixa e definitiva desde a sua génese. Esse tipo de relação descritiva lembra a primeira estrofe de uma das odes do próprio Reis, redigida por volta de 1921: «Tornar-te-has só quem tu sempre foste. | O que te os deuses dão, dão-o no começo. | De uma só vez o Fado | Te da o fado que és um» (PESSOA, 2016, p. 123). Esses versos são uma constatação estoica da aniquilação temporal, muitas vezes cristalizada na lírica de Reis, na qual a transformação, o tempo da vida, é denunciada como prescindível e aparente frente a imagem unificada de uma identidade fadada deterministicamente. Correlativamente, a face visível de um autor seria então como uma estátua ou uma coluna pronta para a posteridade. Do autor obtemos uma imagem consistente, sólida, sem porosidades, fixa na coincidência concordante da sua vida e da sua obra.

Contudo, num tipo de recalque que é característico do estudo e da edição das obras de Fernando Pessoa, indo ao encontro dos papéis do espólio somos convidados a reconhecer que, se em 1935 *esse* era, e sempre tinha sido, o único e legítimo *retrato* do autor das «Odes» publicadas nas revistas *Athena* e *Presença*, ele, Ricardo Reis, não foi sempre exatamente ele mesmo. Os papéis do espólio mostram como por trás da última versão da sua identidade, formulada retrospectivamente por Pessoa para nós leitores da sua obra, existe uma cuidadosa escolha de possibilidades. A reunião e colação dos traços constitutivos é contingente; os *dados vitais* de Reis são esses, em 1935, mas podiam ser outros. Os papéis do espólio mostram-nos, clara e reiterativamente, que nem sequer os elementos mais notórios do estilo autoral «de Ricardo Reis» são constantes. Nos papéis que configuram a história individual desse autor, a sua escrita existe em contraposição a outras escritas que também habitam a obra de Fernando Pessoa, e entre elas

reconhecemos uma operação de progressivo contraste que traça os contornos dessa coexistência. A ortografia arcaizante e o vocabulário ideologizado, por exemplo, dois dos traços mais visíveis do estilo Ricardo Reis, terão sido «descobertos» – para utilizar aqui um termo empregado ambigualmente por Pessoa na já citada carta<sup>38</sup> –, e fixados durante o desenvolvimento de uma maneira particular de escrever, que por sua vez propõe, de modo acumulativo e progressivo, uma autoria.<sup>39</sup>

Como indicam textos e apontamentos que foram guardados no espólio pessoano na condição de esboços, a variação verifica-se a respeito de todos os elementos da biografia de Ricardo Reis que Pessoa fixou na carta a Casais Monteiro. Por exemplo, ainda que Pessoa, em 1935, indique o Porto como o lugar certo do nascimento de Reis, houve um momento em que esse poeta teria nascido em Lisboa, assim como Caeiro e Campos, membros todos de uma suposta «escola de Lisboa» (*ibid.*, pp. 367-373). Essa escola comportava uma oposição de tipo progressivo com relação às escolas de Coimbra, a de Antero e Junqueiro, e do Porto, isto é, a da Renascença Portuguesa de Teixeira de Pascoais. Dita progressão escolástica seria minuciosamente explicada por um tal Frederico Reis, possível irmão do Ricardo, que não teve vida longa entre os papéis pessoanos<sup>40</sup>. Porém, esse viés narrativo parece finalmente subsumido pela última versão que Pessoa assina do *retrato* familiar dos heterónimos, na carta a Casais Monteiro, que os faz provenientes de cantos distintos da geografia portuguesa (Porto, Lisboa e Tavira) perdendo, possivelmente por já não ser da mesma maneira relevante numa época diferente, o caráter polémico das naturalidades iniciais. Pessoa, na mesma carta, também diz não recordar a data do nascimento de Reis, mas tê-la definida al-gures. Constata-se, em documentos autógrafos do espólio, que para o nascimento do Reis existem as datas de «19 de Setembro | às 4 ou 5 da tarde» (BNP/E3 21-108<sup>r</sup>)<sup>41</sup> dia de São Januário, e a de «4 de Agosto de 1887, at 2 p.m», efeméride da batalha de Alcácer-Quibir (BNP/E3 90<sup>6</sup>-77<sup>v</sup>). Não há resolução definitiva, e fica-

38 A expressão utilizada por Pessoa na carta é: «Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir – instintiva e subconscientemente – uns discípulos [...]». Miguel Tamen, muito acertadamente, notou que o verbo «descobrir», na frase, teria um significado ambíguo: «É como se “descobrir” [...] quisesse ao mesmo tempo dizer “ver o que lá está” e “inventar o que lá não está”» (TAMEN, 2002, p. 91).

39 A esse respeito, veja-se a diferença num mesmo verso de Ricardo Reis, redigido pela primeira vez em 1914, e a sua versão publicada em 1924: «Este, seu escasso campo ora lavrando,» (PESSOA, 2016, p. 39) em 1914, e «Este, seu scasso campo ora lavrando,» (*ibid.*, p. 83). A última seria a ortografia definitiva das odes publicadas na revista *Athena* e de uma parte importante da prosa de Reis, nunca passada a limpo. Esta reivindicação da minúcia ortográfica torna-se particularmente relevante quando verificamos, por exemplo, que, ainda depois de publicadas algumas «Odes» de Reis na *Athena*, Pessoa sentiu a necessidade de rever o material para ajustar do melhor modo possível o que lá estava impresso ao estilo de Reis. Com esse fim inseriu, a lápis, no seu exemplar da revista, correções que alteravam, por exemplo, a grafia do condicional «se» pela forma arcaica «si». Na mesma linha, porém em termos de vocabulário, note-se que terá sido em 1916, aproximadamente, e não antes, que Reis começou a escrever «christismo» em vez de «christianismo». Esta particularidade terminológica, que implica um distanciamento confessional, teria sido sugerida a Pessoa pelas leituras do racionalista inglês John M. Robertson (*cf.* BARRETO, 2008, pp. 735-737).

40 Mário de Sá-Carneiro refere-se a essa possível criação de Pessoa como o «mano Reis» (SÁ-CARNEIRO, 2015, p. 249), tendo conhecido poucos meses antes as primeiras odes de Ricardo. Existem fundamentalmente três textos associados à produção de Frederico Reis, todos redigidos entre 1914 e 1915 (PESSOA, 2016, pp. 367-374).

41 A abreviatura remete para a cota dos documentos do espólio de Fernando Pessoa, catalogados e conservados na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) Espólio 3 (E3).

mos curiosos, pois sabemos que para Pessoa, e para o universo de referencialidade que habita a obra, esse tipo de informação teria relevância por motivos astrológicos. Este tipo de jogo de peças, no qual se procura fazer encaixar a biografia com a astrologia para que *batam certo*, chama a nossa atenção para uma espécie de determinismo às avessas, onde se interroga desde a vida os astros e não diretamente os astros sobre a vida. Pareceria então que o que é procurado com esse processo de encaixe é o efeito do discurso determinista, antes do que reconhecer que exista um determinismo (*cf.* **Figuras 1 e 2**).

Continuando com os elementos da biografia de Reis, diferente, e mais importante, resulta o fato de ele ser um exilado, que teria viajado para o Brasil em 1919 por ser monárquico, como disse Pessoa em 1935. Os papéis do espólio contam que, afinal, Reis esteve sempre exilado. Essa condição faria parte constitutiva do seu caráter lírico: ou era um pagão forçado a existir num mundo cristão, como lamenta numa das suas primeiras odes de 1914, «Desterrado da patria antiquíssima da minha | Crença» (PESSOA, 2016, p. 50), ou então seria-o também num sentido geográfico, mas muito antes de 1919, como estabelece uma dedicatória dirigida ao mestre Alberto Caeiro, em 1914, que constaria numa hipotética edição dum seu livro de *Odes*, nunca publicada:

N’esta suja e esteril republica longinqua tudo é de geito a cada vez mais, por uma reacção, me dar paganismo. Os meus pensamentos vão todos para essa paisagem lucida e calma de Portugal, tão naturalmente predestinada a produzir os homens que receberão das mãos longinquas dos gregos o facho do sentimento naturalista. (*ibid.*, p. 203)

A «suja» república distante poderia ser o Brasil, como afirma a carta de 35, e Reis teria partido já em 1914 e não em 1919; ou poderia então ser o Peru, como sugere um documento que designa uma morada em Arequipa ou no Cerro de Pasco (*cf.* **Figura 3**), lugar no qual Reis até poderia ter encontrado o poeta César Vallejo, para sentarem-se juntos a falar acerca das suas respetivas «Nostalgias Imperiales»<sup>42</sup>. Outros documentos sugerem que Reis morava na «América»,

42 Para traçar um caminho de aproximação entre a poesia de Reis e a de Vallejo, justifica-se citar aqui um dos poemas do conjunto *Nostalgias Imperiales*, redigido em 1917 (VALLEJO, 1988, pp. 54-55):

II  
La anciana pensativa, cual relieve  
de un bloque pre-incaico, hila que hila;  
en sus dedos de Mama el huso leve  
la lana gris de su vejez tranquila.  
Sus ojos de esclerótica de nieve  
un ciego sol sin luz guarda y mutila...!  
Su boca está en desdén, y en calma aleva  
su cansacio imperial talvez vigila.  
Hay ficus que meditan, melenudos  
trovadores incaicos en derrota,  
la rancia pena de esta cruz idiota,  
en la hora en rubor que ya se escapa,  
y que es lago que suelda espejos rudos  
donde náufrago llora Manco Cápac.

o que pode querer dizer os Estados Unidos: «O sr. dr. Ricardo Reis é um distinto professor de humanidades n'um importante collegio americano.» (*ibid.*, p. 357).

Tudo isto serve para dizer que, muito antes de partir para o exílio, em 1919, por ser monárquico, Reis já tinha deixado Portugal pelo mesmo motivo ou por outro semelhante. A sugestão comportamental que perfilaria o caráter estava definida, a narrativa e os seus detalhes deviam ser «descobertos» para tornar esse caráter significativo para a leitura da sua obra, e esse resultado não teria o mesmo efeito se fixado em 1914 ou depois de 1919, por um assunto de adequação histórica. Nada é por acaso. O traço fundamental, modulador do sentimento lírico de Reis, o exílio, adquiriu novos significados e implicações, perto dos anos 20, no seu contato com a então decorrente história de Portugal, particularmente após o assassinato de Sidónio Pais. Essa adequação cristalizar-se-ia na sua biografia numa relação projetiva onde a conjunção obra-vida *faz sentido* para nós leitores, como verificou Jorge de Sena, após ter levado a sério, e bem, as informações que tinha recebido para ler e compreender a figura de Ricardo Reis:

Mas como é que era monárquico no Portugal daquele tempo um “pagão” não só livre-pensador mas de abertas tendências anticatólicas e anticristãs, quando livre-pensamento e republicanismo se equacionavam na realidade dos republicanos e na mitologia dos seus opositores? Talvez porque ele representasse, no seu classicismo e no seu monarquismo, algo daquele complexo ideológico que fez que, no século XVIII, os neoclássicos, sem faltar às aparências do catolicismo oficial, se dessem a apoiar o despotismo esclarecido. (SENA, 2000, p. 378)

\*

Sob um primeiro olhar poderá parecer contraditório que, junto do interesse por acrescentar informações biográficas à leitura de certos poemas, que contribuem assim para que os autores-heterónimos sejam vistos como individualidades, também tenha surgido em Pessoa a vontade de oferecer ao leitor relatos genéticos que narram o aparecimento desses autores enquanto criaturas da sua própria escrita. Esses relatos se apresentariam como distantes da efabulação poética se forem postos de lado da historiografia do ato criativo, contada, ou melhor, *lembrada*, pelo seu protagonista, tal como ela aconteceu. Porém, assim como a configuração das biografias-ficcionais se revela contingente, os relatos genéticos também foram minuciosamente fabricados em contextos específicos e variáveis com o tempo<sup>43</sup>. A possível «gênese» de Ricardo Reis apresenta, no espólio, mais do que uma versão.

43 É essa a natureza do relato do «Dia triunfal», incluído na já citada carta de 1935, no qual Pessoa *lembra/conta* como surgiram os nomes de Reis, Caeiro e Campos, a modo de epifania, entre 1912 e 1914, e cuja *historicidade* e relevância sistémica têm sido amplamente comentadas e discutidas pela crítica pessoana. Os principais nomes nesse debate, no momento em que se manifestou pela primeira vez, nos anos oitenta, foram Luciana Stegagno-Picchio e Ivo Castro. Para um resumo da questão e uma detalhada recolha de documentos relacionados com a gênese da carta e do relato que ela contém cf. URIBE, 2017.

Um primeiro momento da existência de Reis, segundo a carta de 1935, afirma que «Ahi por 1912, salvo erro», com a escritura de uns versos «não no estylo Alvaro de Campos, mas num estylo de meia regularidade» surgiu um «vago retrato da pessoa que estava a fazer aquillo», e que com esse surgimento «(Tinha nascido, sem que eu [Pessoa] soubesse, o Ricardo Reis.)» (MARTINES, 1998, p. 255)<sup>44</sup>. Anos mais tarde, continua Pessoa, após ter surgido o mestre Caeiro, a 8 de Março de 1914, houve um sopro de vida na argila que era então um poeta indistinto e anónimo: «Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e *ajustei-o a si mesmo*, porque nessa altura já o via.» (*ibid.*, 255-256). Nesse instante, segundo o relato, através da interação entre as entidades Caeiro, Reis, Campos e o próprio Fernando Pessoa, ter-se-ia formado o conjunto que só em 1928 seria batizado como *drama em gente*, repentina e definitivamente.

À diferença de Caeiro e de Campos, o que talvez seja indício de prematuridade, para Reis existe no espólio um outro relato genético, diferente em todo sentido daquele contido na carta de 1935, e muito possivelmente redigido a começos do ano de 1914 (PESSOA, 2016, pp. 351-352). Num texto, sob o título «*Ricardo Reis. Vida e Obra*», é apresentada uma génese e óbito do poeta das *Odes* que é anterior inclusive ao facto de tratar-se do poeta das *Odes*, assim como anterior ao facto de vir integrar uma *cotterie* ao lado de Caeiro, Campos e Pessoa, nomes não referidos nessa primeira instância. Esse relato apresenta um Reis perecedouro, nascido numa «alma» e não numa cidade, e autor de uma «theoria neo-classica» destinada a reagir tanto contra «o romantismo moderno, como contra o neo-classicismo á Maurras» (*ibid.*, 352). Teria nascido em Janeiro de 1914, e não em Março, Setembro ou Agosto, e faleceria pouco depois, estragando para sempre o romance de José Saramago. Isto é, esse primeiro Reis, mais diretamente vinculado a Charles Maurras do que a Caeiro, e mais à prosa do que à poesia, ficava eximido da integração num conjunto dramático e morria solitário, após ter dado alguma lânguida satisfação ao seu autor: «Sei que a certa altura havia já dentro de mim, grato ao meu ouvido, o nome do “Dr. Ricardo Reis”. Estava tudo completo; a figura estava creada. Tinha feito tudo o que me era agradável que fizesse. A □ O Dr. Ricardo Reis morreu onde nasceu, em m[inha] alma» (*ibid.*). Haveria sido esse primeiro Reis a se manifestar numa lista de projetos, que reúne exclusivamente prosas, muitos dos quais não superaram o estado de gestação no atelier que hoje, em ruínas, é o espólio, e que assinalam alguns dos temas que durante toda a escrita vindoura permaneceriam indicativos *de* Reis (cf. SEPÚLVEDA e URIBE, 2016, pp. 61-62 e **Figura 4**).

44 Num artigo intitulado «Ricardo Reis Triunfal», Richard Zenith fez a cuidadosa recolha dos vestígios concretos dessa pré-história no espólio, à volta de um poema intitulado «Paganismo» ou «Poema do Paganismo», aportando materialidade ao assunto (ZENITH, 2014).

\*

Só depois do aparecimento de Caeiro é que Ricardo Reis se encontrou consigo mesmo, ou então foi «arrancado» do seu falso paganismo por Pessoa, e começou a escrever odes, indiscutivelmente, o centro da sua obra e da sua *personalidade*. Por esse motivo, já em 1915, fazia-se visível nas listas de projetos de Fernando Pessoa a intenção de publicar uma coleção de livros sob o título «*Bibliotheca de Cultura Cosmopolita*» (*ibid.*, p. 76 e **Figura 5**), na qual as obras de Reis mostravam a sua necessária proximidade com as obras de Caeiro e de Campos.

Porém, em casos onde persiste a instabilidade das entidades, a vizinhança pode gerar conflitos fronteiriços e múltiplas reformulações. Precisamente entre as obras da «*Bibliotheca de Cultura Cosmopolita*» encontramos o título *O Regresso dos Deuses*, que teve durante a vida de Pessoa mais do que uma forma e mais do que um possível autor (*cf. ibid.*, pp. 44-45). Numa outra lista, datável de um período próximo, surge António Mora como concorrente da autoria desse texto e de outros que, de maneira mais ou menos indireta, visariam uma apresentação de Alberto Caeiro como o reconstrutor do paganismo no Portugal do século XX.<sup>45</sup> Os títulos, e os textos implicados por esses títulos e que se encontravam em estado de desenvolvimento, poderiam migrar para diferentes configurações de entidades que, segundo as ordenações sequenciais e acumulativas das obras, expressariam percursos autorais diferentes. Neste caso, na relação Caeiro-Mora-Reis, trata-se então de uma triangulação de entidades mais ou menos móveis que, dadas certas confluências ou distanciamentos, iriam manifestar diversos «aspectos» de uma única relação autoral.<sup>46</sup>

Desenvolvendo essa ideia, veja-se um caso que exemplifica a acidentalidade na configuração autoral da prosa de Reis com relação à obra de António Mora. No espólio encontramos um texto como o título «*Ad Finem*» que começava exibindo a indicação de «*Prefacio R[icardo] Reis*», para passar a ser *de* Mora: «*R[icardo] Reis <sup>Mora</sup>*» (*cf. Figura 6*). Dita mudança teria sido provocada quando, no meio do ato de escrita, o texto acabou sendo *acerca de* Reis. Para poder incluir uma afirmação mais ortodoxa do que corresponderia ao caráter dos poemas-Reis, Pessoa convida Mora para o palco, e ele, sem piedade, polemiza com Reis, denunciando os seus defeitos:

45 Duas listas de projetos, elaboradas por Pessoa entre 1915 e 1916, são ilustrativas sobre os possíveis movimentos de atribuição da autoria de algumas obras, sublinhando a tênue fronteira que separava a prosa de Reis da obra de António Mora. Numa delas, o título é enumerado considerando as duas autorias como possibilidades: «*Ricardo Reis: O Regresso dos Deuses*, e outros estudos neo-pagãos. (ou *Antonio Mora*)» (SEPÚLVEDA e URIBE, 2016, p. 97); na segunda, uma lista aparentemente dedicada exclusivamente às obras de Mora, surge «*O Regresso dos deuses*», e a seguir uma nota que confirma o caráter expansivo dessa redistribuição autoral: «*O livro sobre a Decadência das Sociedades Modernas*, antigamente destinado a Ricardo Reis.» (*ibid.*, 100).

46 Não é casualidade que um dos prefácios mais elaborados que Pessoa chegou a preparar para a publicação das obras heterónimas, de Caeiro, Campos, Mora e Reis, levava precisamente o título «*Aspectos*», de inspiração astrológica (*ibid.*, pp. 142-143).

Que nobreza ha na phrase impia de Ricardo Reis: Prefiro Rosas [meu amor] á Patria? | Ou no stulto e jactancioso epodo em que se vanagloria de não se importar com a guerra e as coisas dos homens, antepoendo-lhes um jogo de xadrez? [...] Em que se distinguem estas □ das mais caracteristicas effusões dos baixos «decadentes» dos Whitman, dos Paters e dos Wildes da nossa Byzancio Universal? (PESSOA, 2002, p. 243)

Com esta acusação, Mora rebaixa Reis ao nível dos mesmos autores que o próprio considera, em vários dos seus textos em prosa, «lixo-christão com pretensões pagans» (PESSOA, 2016, p. 232). Deste modo, um juízo de valor acerca de uma tradição literária próxima, usado frequentemente por Reis para exaltar Caeiro, e pela mesma via a si próprio, ganha independência, encontra um novo agente de enunciação e vira-se contra o seu criador. Reis surge e desaparece durante o processo de acoplamento entre a ideia particular a ser escrita e o seu desenvolvimento estilístico.

\*

Falando ainda em genesis, sabemos, pelos manuscritos do espólio, que em 1914 Reis teria escrito cerca de 36 odes, pelo menos 7 delas num mesmo dia, a 12 de junho, na véspera de Pessoa alcançar os vinte e seis anos de idade (*cf. PESSOA, 2016, pp. 186-188*). Esse primeiro conjunto, que obteve importantes acréscimos entre 1917 e 1923, até chegar ao número considerável de 117 odes, estaria na base da severa colheita que Pessoa decidiu publicar em 1924, isto é, as vinte odes que constituem o primeiro «Livro» de Reis nas páginas da *Athena*. Só uma ode migrou praticamente inalterada da versão de 1914 para 1924: «As rosas amo dos jardins de Adonis,» (PESSOA, 2016, p. 77), precisamente uma dedicada à admiração do instante.

O conjunto de odes publicadas, que Silva Belkior considerou, e bem, «um todo orgânico» (BELKIOR, 1983, p. 51), está marcado pelo diálogo com modelos horacianos. Desde a sua abertura, com o poema que começa com os versos «Seguro assento na columna firme | dos versos em que fico» (PESSOA, 2016, p. 77), é sugerido um hipérbaton temático que começa, como notou Maria Helena Rocha Pereira, com uma imitação da última ode do livro III de Horácio «Exegi monumentum aere perennius» (HORÁCIO, 1882, pp. 77-78)<sup>47</sup>. Poderíamos assim inter-

47 Cito a paritir da tradução de John Conington, disponível *online* no projeto Perseus, <http://www.perseus.tufts.edu>:  
And now 'tis done: more durable than brass  
My monument shall be, and raise its head  
O'er royal pyramids: it shall not dread  
Corroding rain or angry Boreas,  
Nor the long lapse of immemorial time.  
I shall not wholly die: large residue  
Shall 'scape the queen of funerals. Ever new  
My after fame shall grow, while pontiffs climb  
With silent maids the Capitolian height. [...]

pretar esta figura como um colocar Reis onde acaba Horácio. A consolidação de Reis como um poeta autónomo, ainda que composto, um «Horacio grego que escreve em português» (PESSOA, 2016, p. 253), inverte sua condição de espelho de Horácio, implícita tematicamente na primeira ode, e explícita numa interpelação admonitória subtilmente disfarçada na última do conjunto «Cuidas, invio, que cumpres, apertando» (*ibid.*, p. 85), que na versão de 1914 ainda chamava ao venusiano pelo nome: «Cuidas tu, louro Flacco, que apertando» (*ibid.*, p. 52). Reis é Reis por saber não ser Horácio e não cantar o que Horácio cantou.

A Coluna firme dos versos que são Reis ergue-se como resultado de uma restrita colação de um vasto caudal de possibilidades, rigorosamente consideradas e avaliadas durante um período de aproximadamente dez anos, de 1914 a 1924. Contudo, a sua auto-afirmação enquanto autor é estritamente dependente de uma projeção em direção a outras escritas, como já vimos no caso do contraste com António Mora. Para além de enfrentar Horácio, em termos que são mais agonísticos que laudatórios, Reis alcança o seu ponto de maior expressividade na ode «De novo traz as apparentes novas | Flores» (*ibid.*, pp. 82-83) que, como fica claro num esboço anterior à publicação, é um poema elegíaco que, interpellando a cidade de Lisboa, exalta a memória de Alberto Caeiro e dos seus pares Homero, Alceu e Píndaro «Ad Caeri manes magistris»:

[...] Fique, porém, livre da leiva e do Orco,  
A fama; e tu, que Ulysses erigira,  
    Tu, em teus septe montes,  
    Orgulha-te materna,  
Egual, desde elle ás septe que contendem  
Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,  
    Ou heptapyla Tebas  
    Ogygia mãe de Pindaro. (*ibid.*)

A *vitalidade* de Reis, a sua compleição quase-física, «mais baixo, mais forte [que Caeiro] [...] de um vago moreno mate», está diretamente vinculada à capacidade de interagir com outras figuras autorias, o que sublinha a sua incompletude constitutiva. Isto resulta mais evidente quando verificamos que boa parte da obra de Reis, tanto poemas como prosas, são, em última instância, acerca das obras de outros, chamem-se Horácio, Caeiro ou, ainda, Álvaro de Campos, o condiscípulo com o qual instaura uma acalorada polémica (*cf. ibid.*, pp. 326-332).

Em coerência com o anterior, também é de natureza instável e co-dependente o projeto ao qual pertence a maior parte da prosa de Ricardo Reis: o prefácio à obra de Alberto Caeiro, que reúne a maior parte dos textos em prosa assinados

com o seu nome. Durante uma primeira parte de elaboração desse projeto, entre 1915 e 1918, o prefácio do livro de Caeiro foi tornando-se num extenso tratado sobre a história do «christismo», com múltiplos começos, não poucas conclusões e um mar de capítulos incompletos, acumulando uma extensão absolutamente inadequada para um prefácio (*cf. ibid.*, pp. 209-284). Contudo, existe no espólio um único documento que encerra uma unidade completa que podemos chamar prefácio de Reis para a obra de Alberto Caeiro, e que começa com a afirmação: «Alberto Caeiro da Silva nasceu em Lisboa a □» e termina como um clamor apoteótico «Alegrae-vos, todos vós que choraes na maior das doenças da Historia! | O Grande Pan renasceu!» (*ibid.*, pp. 282-284)<sup>48</sup>. A respeito desse texto, Manuela Parreira da Silva escreveu, na sua edição da prosa de Reis: «É provável pois, que Fernando Pessoa [...] tenha inicialmente escrito um pequeno prefácio: [o texto 1 da sua edição] [...] que, posteriormente, com a sua tendência para complexificação, tenha resolvido desenvolver o curto prefacio acabando por lhe dar um alcance de obra crítica.» (PESSOA, 2003, p. 13). Na realidade, aconteceu o contrário, e temos novamente aqui um procedimento que espelha o movimento de contração que também se manifestou na publicação das vinte odes de Reis. A versão completa do prefácio data de 1929, como Pessoa relatou a João Gaspar Simões, num esboço de carta que afinal não lhe enviou: «Hontem mesmo conclui, ha dias atravez de um exforço terrivel de impersonalização, o estudo inicial de Ricardo Reis – duas simples páginas de prosa – á obra de Alberto Caeiro.» (MARTINES, 1998, p. 275). Não se trata só de *acreditar* no que Pessoa afirmava a Gaspar Simões, mas de constatar que a materialidade do espólio confirma a contiguidade histórica de ambos os textos (**Figuras 6 e 7**).

\*

Visto o anterior, podemos então afirmar que a identidade particular de um heterónimo, o reconhecê-lo como autor, é o produto de uma harmonização de sinais de diversa índole que concorrem durante o processo de escrita, edição, publicação e leitura de alguns textos. O movimento portanto é traçado da diversidade para a unidade, ou como o próprio Reis afirmava, num dos últimos poemas que terá escrito por volta de 1935:

48 Não deixa de ser interessante que, ainda no contexto da apoteose de Alberto Caeiro, no final do documento, surja uma menção de um elemento da tradição literária portuguesa que reitera o efeito projetivo das identidades que constituem os autores Caeiro e Reis: «Esta obra inteira é dedicada por desejo do proprio auctor á memoria de Cesario Verde» (*ibid.*, p. 284).



Vivem em nós innumeros;  
Se penso ou sinto, ignoro  
Quem é que pensa ou sente.  
Sou sòmente o logar  
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.  
Ha mais eus do que eu mesmo.  
Existo todavia  
Indiferente a todos.  
Faço-os callar: eu fallo.

Os impulsos cruzados  
Do que sinto ou não sinto  
Disputam em quem sou.  
Ignoro-os. Nada dictam  
A quem me sei: eu escrevo.

(PESSOA, 2016, p. 176)

Ricardo Reis é o resultado da acumulação depurada de asserções ao interior e em torno dum conjunto textual, em expansão e contração. A relação entre esses textos e essa *assinatura* legitima-se retrospectivamente, como reconhecimento, por parte do leitor, duma narrativa de tipo biográfico. Reis, como entidade que escreve revelada pela escrita, é o efeito da leitura dos textos assinados por ele. Para ler Reis, temas, projetos, prosódia, ortografia e outros traços são sinais construtivos. Nenhum deles é suficiente por si mesmo, embora todos se apresentem como gradualmente necessários para que o efeito seja produzido. Depende, portanto, da feliz coincidência de vários elementos que possamos *ver* e ouvir Reis com clareza. O artifício confessa-se, mas não por isso nos exime do seu fascínio: Reis não tem natureza para além da sua manifestação.

## Referências bibliográficas

Barreto, José (2008). «Robertson, J. M.», em *Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo Português*, coord. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Caminho.

Belkior, Silva (1983). *Fernando Pessoa – Ricardo Reis: os originais, as edições, o cânone das odes*. Lisboa: IN-CM / Centro de Estudos Pessoaanos.

Horácio (1882). *The Odes and Carmen Saeculare of Horace*. Trad. John Conington. Londres: George Bell and Sons.

Pessoa, Fernando (2016). *Obra completa de Ricardo Reis*, ed. Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china.

\_\_\_\_ (2002). *Obras de António Mora*. Edição de Luís Filipe Teixeira. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI. Lisboa: IN-CM.

\_\_\_\_ (2003). *Ricardo Reis. Prosa*, ed. Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.

Sá-Carneiro, Mário (2015). *Em Ouro e Alma. Correspondência com Fernando Pessoa*. Ed. Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.

Sena, Jorge (2000). *Fernando Pessoa & Ca Heterónima – estudos coligidos, 1940-1978*. Lisboa: Edições 70. 3ª edição revisada e aumentada.

Sepúlveda, Pedro e Uribe, Jorge (2016). *O planeamento editorial de Fernando Pessoa*. Lisboa: IN-CM.

Tamen, Miguel (2002). «Caves e andares nobres», in *Artigos Portugueses*. Lisboa: Assírio & Alvim.

Uribe, Jorge (2017). «Autoria, evolução e sentido: apontamentos para um re-leitura da Carta sobre a génese dos heterónimos», in *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 4 (no prelo).

Vallejo, César (1988). *Obra Poética*, coord. Américo Ferrari. Bogotá: Colección Archivos-Unesco.

Zenith, Richard (2014). «Reis triunfal», in *Revista Estranhar Pessoa*, n.º 1.



75

A obra, porém, e o seu paganismo, não foram pensados: foram ~~conscientes~~ com o que quer que seja que é em nós mais profundo que o sentimento ou a razão.

Alberto Caetano da Silva nasceu em Lisboa a 4 de Abril de 1889, e nessa cidade falleceu, tuberculoso, em 4 de Maio de 1915. A sua vida, pordia, decorreu quasi toda numa quinta do Ribatejo (?). ~~Em 1910~~ ~~publicou~~ os primeiros ~~poemas~~, os do livro intitulado "O Guardador de Rebanhos", os do livro, ou o quer que fosse, incompleto, chamado "O Pastor Amoroso", e alguns, os primeiros, que eu mesmo, herdando-os para publicar, com todos os outros, reuni sob a designação, que Alvaro de Campos ~~propôs~~ deu, de "Poemas Inconjunctos". Os ultimos poemas, a partir d'aquelle numerado -----, são porém producto do ultimo periodo da vida do auctor, de novo passada em Lisboa. Julgo de meu dever estabelecer esta breve distincção, pois esses ultimos poemas revelam, na perturbação da doença, uma novidade um pouco estranha, ~~na~~ ~~suas~~, ao character da obra, em natureza e direcção.

A vida de Caetano não pode narrar-se pois que não ha nella de que narrar. Seus poemas são o que ~~se~~ ~~veu~~. Em tudo mais não houve incidentes, nem ha historia. O mesmo breve episodio, improprio e absurdo, que deu origem aos ----- poemas de "O Pastor Amoroso", não foi um incidente, senão, por assim dizer, um esquecimento.

A obra de Caetano representa a reconstrução integral do paganismo, na sua essencia absoluta, tal como nem os gregos nem os romanos, que viveram nelle e porisso o não pensaram, o puderam fazer. Dizer mais fora explicar, o que de nada serve; afirmar menos fora mentir. Toda obra falla por si, com a voz que lhe é propria, e aquella linguagem em que é pensada; quem não entende, não entende, e não ha que explicar-lhe. É como fazer comprehendere ~~xxxxxxxxxxxx~~ a alguém um idioma que ~~este~~ não falla.

Ignorante da vida e quasi ignorante das letras, quasi sem convívio nem cultura, fez Caetano a sua obra por um progresso imperceptivel e profundo, como aquelle que dirige, através das ~~consciencias~~ ~~inconsciencias~~ ~~das~~ ~~almas~~, o desinvolvimento das civilizações. Foi um progresso de sensações, ou, antes, de maneiras de as ter, e uma evolução intima de pensamentos derivados ~~xxxxxxxxxxxx~~ de taes sensações progressivas.

Pensei, quando primeiro me foi entregada a empreza de ~~revisar~~ ~~estes~~ ~~tipos~~, em fazer um largo estudo, ~~xxxxxxxxxxxx~~ ~~abre~~ a obra de Caetano e a sua natureza e destino fatal. Não pude fazer estudo que me satisfizesse, porque se não caminha e que é directo, como a oza e a terra.

Figura 6. BNP/E3 21-73'

144-102

Meu querido Camarada:

Acabo de receber o seu livro "Thyrsos", e, antes d'urano, de ler, antes de mais nada, as paginas com que me honra nelle.

É ~~claro~~ claro que não sei, nem posso saber, que grau de justiça ou de verdade existe nessas paginas, mas fiquei profundamente comovido com a intenção ~~de~~ ~~uma~~ ~~que~~ ~~ha~~ ~~malicia~~. Não digo "amigo" do sentido de "amizade", senão no da amizade melhor.

Os aspectos da vida a que chamo minha, ou a fatalidade superior que dirige todas as apparencias dos aganos, tem feito com que, até agora, eu tenha sido uma personalidade objectivamente obscura. A clara affeição das suas palavras como que me liberta do que poderia com justiça considerar a antecâmara de cousa nenhuma. Pela primeira vez sinto ~~xxxxxxxx~~ nitidamente o sol das almas externas d' minha, e não sei como agradecer-lhe o dourado matinal d'esta sensação.

Succede que, na occasião presente, estou num estado de transição de mim para mim - mas d'aquelles estados de transição, que sendo em mim frequentes, se nunca repetem. O seu estudo é uma voz amiga que me surge contraria da malicia da hesitação e da malicia do caminho, para que eu possa ter alguma confiança na minha existencia pessoal como nação independente.

Então mesmo, conclui, através de um esforço terrivel de impersonalização, o estudo inicial de Ricardo Reis - duas simples paginas de prensa - d' obra completa de Alberto Caetano. Concluido o estudo, quasi chorei de alegria, mas lembrei-me depois que o entusiasmo do discipulo e a grandeza, alli expressa, do mestre, se tinham passado exclusivamente em mim, que eram ficções de interludio, alem da confusão e do descominho.

Figura 7. BNP/E3 114-102'